

Os desafios da democracia

Por Sonia Montaña

A conferência de Garry Kasparov no Fronteiras do Pensamento iniciou com a já tradicional saudação musical, recebendo no palco o pianista Josias Matschulat que interpretou obras dos compositores russos Alexander Scriabin, Serguei Rachmaninoff e Viktor Vasnetsov.

O grande mestre de xadrez e ativista político russo Garry Kasparov iniciou sua fala sobre desafios da contemporaneidade, passando por tecnologia, política, estratégia, arte e filosofia da civilização. Destacou sua alegria diante do convite para falar sobre a Rússia porque, além de ser o maior país do mundo, é, para o conferencista, o triste exemplo de quão rápido a democracia pode se perder. Para ele, o Brasil apresenta uma continuidade no difícil caminho de abertura aos direitos humanos.

Kasparov disse que um dos mitos do Kremlin, sede do governo russo, é que só os regimes autoritários podem assegurar um crescimento constante na economia. “Quando se fala na Rússia acerca do BRIC (grupo de economias emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia e China), a propaganda prefere falar da China e da Índia e esquecer o Brasil, justamente por ser uma democracia e mostrar também crescimento econômico”. Haveria, em sua opinião, um segundo mito do Kremlin que defende que um país com grande índice de população pobre não pode se transformar numa democracia sustentável, porque as pessoas pobres tendem a votar naqueles que prometem redistribuir a riqueza, e, por isso, dificilmente apoiariam pessoas que se propõem a fazer reformas de mercado. Mais uma vez, o Brasil seria um exemplo contrário a essa teoria.

Xadrez e política

O conferencista disse que, quando aos 22 anos de idade se tornou o mais jovem campeão mundial de xadrez, havia muitos mitos sobre ele, como: que tinha uma memória fotográfica, que falava dez línguas, que comia alimentos especiais para o cérebro. “Aquele foi o dia mais feliz de minha vida, mas tudo o que se dizia a meu respeito era mito. A minha memória realmente é maior que a da maioria, mas perfeitamente esqueço aniversários da família, por exemplo. Sobre alimentação, acho que o mundo ainda não está preparado para um livro de culinária de Kasparov”, brincou.

Contudo, ele disse que abandonou o xadrez para se dedicar à política em 2005 como uma continuidade. “Eu não jogava xadrez simplesmente para ganhar, queria fazer uma diferença, me manter na linha de frente. Joguei contra computadores, joguei em exposições espetaculares e sempre tentando fazer as coisas acontecer. Em 2004, percebi que tinha realizado muito além dos meus sonhos no xadrez. Aí achei que tinha que redirecionar minha energias e aptidões do xadrez para outras áreas, uma delas é ser um bom cidadão da Rússia, um questionador da ditadura que tomou conta do país”, disse Kasparov. Para ele, a expressão “campanha política” não é adequada para o governo de Putin, já que a disputa é para ganhar as eleições, e na Rússia a disputa é para ter eleições. Quando o conferencista entrou nessa campanha política, concorrendo à Presidência, em 2008, sabia como bom enxadrista que estava com um jogo perdido, mas para ele não era um jogo para ganhar ou perder e sim uma obrigação moral. “Não tinha a ver com ganhar ou perder, era para fazer uma afirmação”.

Para Kasparov xadrez e política não podem ser comparados no contexto da Rússia, uma vez que o primeiro tem regras para todos os jogadores e na segunda as regras

são imprevisíveis e o resultado da campanha eleitoral é fixo, sabe-se de antemão. “O Kremlin muda as regras sempre que achar preciso. Uma semana atrás, houve prisões de manifestantes por um protesto pacífico, por lerem em voz alta a Constituição russa”, alertou o conferencista enquanto mostrava diversas fotografias da violência da polícia com manifestantes nas ruas de seu país. Afirmou que fora da Rússia dificilmente é percebida a situação real do regime Putin, por não ser uma ditadura clássica, já que não é ideológica nem pretende unir os trabalhadores do mundo, tem a ver com poder e dinheiro. “O lema deles é muito mais gráfico: vamos roubar juntos. É uma combinação muito bizarra entre Adam Smith e Karl Marx com despesas nacionalizadas e lucros privatizados”, disse o conferencista, salientando o caixa B do governo, a corrupção. Complementou dizendo que a corrupção no Brasil e nos países democráticos também existe, mas é vista como um problema. “Na Rússia, corrupção é um sistema”, sentenciou.

O que é democracia?

O conferencista lembrou dos grandes documentos relacionados aos direitos humanos e como neles não existe a palavra democracia, já que o método de eleição de autoridades não é ali tão relevante, o que interessa são os direitos fundamentais que definem as relações entre o governo e o povo. Se bem que a democracia se tornou hoje uma marca muito popular, como eleição. A ideia de ser democrático estaria identificada com ter eleições, embora muitas vezes essas eleições sejam falsas. “Estratégia dos autocratas para comprar favores do mundo livre”. Muitas vezes a palavra democracia oculta o autoritarismo. Para ele são os direitos e as liberdades o que importa numa democracia. “Quando as condições de vida são ruins, a explosão popular pode ser terrível, porque as pessoas alimentam um desejo de vingança que pode triunfar sobre a justiça, e esse é meu grande temor sobre a Rússia de Putin”.

A chamada “primavera árabe” foi também abordada pelo conferencista, lembrando da importância da tecnologia na sua forma de moldar a política, principalmente pelo acesso à informação e pela capacidade das pessoas de exigir mais, proteger seus direitos. “A máquina de impressão de Gutenberg tornou possível a reforma de Lutero”, exemplificou Kasparov. Para ele, a internet pode ser comparada com a máquina de impressão por alcançar mais pessoas e mudar o equilíbrio de forças da sociedade para a tomada de decisões. “Com um debate aberto, o governo de Putin não duraria mais de dois meses”, disse o conferencista.

A impossibilidade de inovação da China

O conferencista lembrou também a ascensão da China, tornando-se a segunda maior economia do mundo, mas lá as pessoas vivem nas trevas da censura sob o governo comunista. “Será que esse crescimento do PIB demonstra um modelo bem-sucedido, demonstra que a democracia não é necessária? Não! O crescimento da China foi impressionante, tiraram pessoas da pobreza com a manufatura barata, são bons na fabricação, mas eles não inovam. Até onde você pode chegar só imitando? Uma ditadura pode ser momentaneamente bem-sucedida. Uma ditadura não pode criar uma nova pauta, porque esta demanda uma comunicação entre o poder e o povo”, salientou o russo. A recuperação da democracia asseguraria o desenvolvimento normal do país.

O campeão de xadrez lembrou como esse esporte tem potencialidade de melhorar as potencialidades das pessoas no seu processo educativo e que os diferentes sistemas políticos podem ser olhados pelas suas relações com o intelecto.

Risco e inovação

Em obra que será lançada em 2012, Kasparov defende que as verdadeiras raízes da crise estão na estagnação tecnológica. “Isso poderia parecer estranho, porque vivemos com aparelhos nos bolsos e pensamos que estamos no maior avanço tecnológico da história. A prioridade das empresas hoje é redução de risco, o que contradiz toda a natureza do crédito criado para ser gasto e gerar algo novo”, defendeu o conferencista. Ele se referiu a que, como não há, por exemplo, fabricação de aviões, são usados os fabricados 40 anos atrás, que voam com a mesma velocidade. Haveria uma substituição do risco pelo conforto. As previsões da ficção científica desapareceram. O crédito no modo atual cria valores falsos e impede o crescimento. “Temos iPhones, iPads, androids, mas perguntemo-nos: o que é um avanço na tecnologia depois que Steve Jobs apresentou um Apple? Quais as rupturas da tecnologia? Os telefones celulares nasceram em 1973, a internet foi pensada no final da década de 1950”, disse Kasparov. Para ele as coisas que usamos hoje em dia têm seu fundamento na década de 70 do século passado. “Naquela época as pessoas estavam dispostas a correr riscos”, disse, apresentando a linha do tempo das inovações.

Para o conferencista não temos uma economia que empurre a tecnologia para a frente, copiamos o que está atrás, inclusive as tecnologias verdes e energias alternativas. As grandes empresas de tecnologia têm grandes contas bancárias, mas não estão investindo em inovação e sim em *status quo*. Kasparov defende que a inovação devia vir de fora da Europa e dos Estados Unidos. “Sem assumir riscos, não avançaremos. A liderança do século 21 será de quem assumir riscos, indo até onde os outros não querem ir”, concluiu o conferencista.

Garry Kasparov respondeu ainda a perguntas da plateia relacionadas ao desenvolvimento social, político e econômico da Rússia e sobre as técnicas de xadrez.